

Andaimos no processamento das narrativas factuais

Anderson Alves de Souza e Daniela Araldi*

1 Introdução

A importância do estudo da narratividade, do ponto de vista da psicolinguística, reside, por um lado, no fato de contribuir para as explicações sobre o processamento de um dos gêneros textuais, as narrativas, sobre como está organizada a memória episódica e, por outro, contribuir para a discussão sobre o papel da interação para a emergência do conhecimento textual para narrar (Stoel-Gamon e Scliar-Cabral, 1976; Snow, 1977; Ninio e Bruner, 1978; Michaels e Cook-Gumperz, 1979; Perroni-Simões, 1979; Cazden, 1983).

As narrativas também servem para fixar as categorias de espaço e tempo, as coordenadas que permitirão ao sujeito assumir-se como enunciador. De igual importância é o desenvolvimento da noção de causalidade, uma vez que os eventos na narrativa podem ocorrer ou simultâneos, ou numa sucessão sem nexos causal ou com nexos causal. Observaremos também que os andaimos proporcionados pelo adulto ajudarão a desdobrar a categoria do *Qu*.

Demonstraremos, através do estudo evolutivo de proto-narrativas de uma criança em três fases, respectivamente quando estava com 20 meses e 21 dias (1.319 enunciados), aos 22 meses e 20 dias (2.245 enunciados) e aos 26 meses e oito dias (1.966 enunciados), que as primeiras tentativas de narrar se caracterizam por fragmentos, por um lado, e por um número muito maior de enunciados do adulto, tentando ajudá-la a desenvolver as estruturas narrativas. À medida que a criança se desenvolve, o número de narrativas aumenta e cada uma apresenta um maior número de episódios e, dentro deles, de eventos: ela não fica tão dependente dos andaimos (*scaffolds*, cf. Cazden, 1983) fornecidos pelo adulto, na chamada sintaxe vertical.

* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

Entre a 1ª fase e a 2ª não ocorrerá uma mudança qualitativa nas narrativas: a diferença marcante será observada na 3ª fase.

As primeiras proto-narrativas são factuais, isto é, referem-se a um fato acontecido, do qual a criança foi protagonista, deixando-lhe marcas emocionais profundas e auxiliando, assim, a fixação na memória episódica e a sua pronta recordação. Conclui-se, pois, que a estruturação dos esquemas narrativos ficcionais é muito mais complexa e emerge mais tardiamente, já que exige uma competência para a criação do universo narrado, com um texto auto-referenciado, suspensão do tempo e espaço-factuais, introdução do cenário, personagens e ligação coesa dos episódios e, dentro deles, dos eventos. Não se confunda, porém, esta competência com a tendência da criança, no início, em não separar a fantasia do real, não categorizando do mesmo modo que os adultos traços semânticos como [+ ou - animado] ou [+ ou - humano].

2 Metodologia

A metodologia consistiu em assinalar todas as proto-narrativas do *corpus* do sujeito Pá, num total de 5.530 enunciados da criança, mais outros tantos dos adultos que com ela interagiram. O *corpus* foi gravado por Scliar-Cabral, na residência da família, na cidade de São Paulo. Participaram da situação, além da criança, seus pais e a pesquisadora. Os enunciados da criança foram transcritos foneticamente, inclusive com os padrões de entoação; os dos adultos, em transcrição canônica e todo material foi informatizado para o Banco Mundial de Dados CHILDES, por bolsistas de iniciação à pesquisa científica. Ao todo, foram assinaladas 9 proto-narrativas na 1ª fase, 9 na 2ª e 27 na 3ª. A seguir, foram depreendidas as categorias de análise, para o adulto (abertura; perguntas sim/não; perguntas Qu do tipo "o que", "quem", "onde", "como", "com quem", "qual", "com o que", "por que"; julgamento; pedido de informação; confirmação; expressividade) e as respectivas respostas da criança, se adequadas ou não. Acresceram-se às categorias da criança a qualificação, uma vez que na 3ª fase a criança especifica os atributos dos personagens e o cenário; as respostas extra-lingüísticas também foram acrescidas, já que a criança dá como resposta gestos, canto e expressão corporal, ensaiando os primeiros passos para a dramatização, e até imitando determinados personagens (discurso direto). O fato narrado pode ser simultâneo, imediato ou distante e o estímulo para a criança narrar, lingüístico (o que mais ocorre), fotográfico ou cinematográfico.

3 Análise dos dados

Na primeira fase, predominam pequenos fragmentos. A primeira delas, *O auau*, inicia sem abertura, isto é, sem a solicitação do adulto com um verbo de narração, do tipo "Conta pra...", ou "Lembra..." Começa *in medio res*, com a pergunta "Como é que chama o auau do vovô?" A criança responde prontamente "Auau...auau Máqui". Trata-se de uma construção apositiva, expansão de uma FN, uma das primeiras estruturas que a criança domina, com os traços [- próprio] e [+ próprio] usados contrastivamente de modo consistente. A seguir, o adulto confirma a resposta em comentário dirigido ao pesquisador e a criança expande seu enunciado anterior com um julgamento "Auau (n)a mão não", numa interpretação rica (Bloom, 1975), "O auau não pode passar na mão", com o lugar da preposição guardado pelo preenchedor "a" (Scliar-Cabral e Secco, 1999).

O adulto confirma e pede uma especificação "Como é que foi que o auau fez?" A criança reafirma utilizando apenas o locativo com o preenchedor "a". Segue-se uma pergunta sim/não do adulto "Ele pegou a mão?", respondida com uma especificação da criança "Passou", seguida de um pedido de confirmação do adulto "Ele passou?", atendido: "É". A um novo pedido de especificação: "Como foi?", a criança solicita esclarecimento: "M?". O adulto ajuda a criança com um andaime "Que que você deu pro auau?" que a criança responde inadequadamente com "Bate(r)", reforçado por uma pergunta sim/não do adulto "Você bateu?", confirmado pela criança e encerrando o relato.

A proto-narrativa a seguir é um pequeno fragmento de um fato acontecido no mesmo dia, *Passeando de carro*. Embora os adultos muitas vezes tenham uma boa intuição sobre a capacidade cognitiva e lingüística da criança, às vezes a superestimam, como no primeiro enunciado deste fragmento "Paulinho, onde é que você foi hoje, m?". Como seria de esperar, a criança devolve um pedido de informação "M?". Outra pergunta que a criança ainda tem dificuldade em responder é a alternativa: "Foi o papai que guiou ou foi a mamãe?". Um outro pequeníssimo fragmento é *A tartaruga fez cocô no pezinho*, no qual a criança só responde a uma pergunta "Paulo, que que a tartaruga fez?", "É o cocô".

O aniversário é uma proto-narrativa construída quase só de andaimes, com perguntas sim/não, mas Pá fornece um sinônimo de "criança", na forma de "nenê" e encerra o texto com "aiezzê" ("parabéns a você"), respondendo à pergunta "E como é que fazia no aniversário, Paulo, como é que fazia?".

Imediatamente, a mãe abre uma nova proto-narrativa *Pá no carnaval*, com "Paulo, sabe o que que a mamãe lembrou agora?" Observe-se a intuição que o adulto demonstra sobre o papel da narrativa para o desenvolvimento dos esquemas na memória episódica e sua fácil recordação. Esta proto-narrativa se caracteriza por respostas extra-lingüísticas da criança que dança e canta como no carnaval.

Cai (no) chão também é uma proto-narrativa iniciada pela criança *in medio res*, enunciado imediatamente ilustrado com a onomatopéia "Pum Pá", imitando a queda da criança ao chão. Além desta informação a criança responde a pergunta "Como foi?" com o enunciado "O gogói", acompanhado de gesto mostrando a cabeça, mas tem dificuldade em responder a pergunta "Quem que te empurrou no chão?". Novamente perguntas sim/não fornecidas pelo adulto funcionam como andaimes.

A 2ª fase apresenta de saída um fragmento *Andando pela estrada*, constituído apenas de andaimes e iniciando com a abertura "Lembra aquela viagem que você fez?". Esta tentativa do adulto é retomada mais adiante, com "Lembra, na estrada, você viu o boi?", sem nenhum sucesso. Já a proto-narrativa imediata *Você tomou pinga?* se caracteriza por enunciados avaliativos adequados por parte da criança. O pai começa *in medio res*, repetindo a pergunta: "É ontem o que que você tomou?". Observe-se o avanço cognitivo e lingüístico da criança ao lidar adequadamente com o *shifting* (Jesperesen, 1922; Jakobson, 1966), respondendo na 1ª pessoa "Eu não" e, coerentemente, rejeitando com o antônimo "(R)uim", a afirmação do pai "É bom", logo confirmado. Só então vem a abertura "Conta pra titia como é que foi", seguida da pergunta sim/não "Você go...gosta de pinga?" feita pela pesquisadora. A criança continua coerente em sua avaliação: "Não", "(R)uim.", seguida da interjeição "M...". A pergunta "M...quem foi que te deu?", por apresentar dificuldades para a criança é imediatamente facilitada pela pergunta sim/não "Foi o papai?", que a criança confirma. Vem a seguir um diálogo avaliativo curioso que começa com uma provocação sim/não por parte do pesquisador: "O pai gosta de pinga?", com o protesto do pai: "Puxa vida!" Mas a criança o salva: "Não." A brincadeira continua com a mãe intervindo: "O papai não?", "O papai gosta sim.". Seguem-se várias perguntas sobre líquidos às quais a criança responde perseverantemente não, com exceção de um comentário a "É vinho?", que a criança avalia como "Bo(m)."

Na proto-narrativa seguinte *Com quem você brincou?*, a criança somente responde uma pergunta "O Jônatan onde é que está?", porém de forma bastante complexa: "La no meu qua(r) to", demonstrando já uma certa capacidade para reportar a dêxis distante.

Que que você viu ontem no mercado?, embora várias vezes interrompida, é um exemplo da adesão precoce da criança ao campo semântico dos bichos, denominando-os através de onomatopéias, como "cacá" (galinha); "poiê, poiê, poiê" (coelho); "cuieco" (galo); "piupiu" (pinto). A criança ensaia o discurso direto, respondendo "Tchau" às perguntas "Na hora em que nós fomos embora que que o cocó falou pra você?" e, mais adiante "Que que a cocó falou quando nós fomos embora?".

Em *O cachorrinho do vovô Go(r)dão* após a pergunta "Como é que chama o cachorrinho do vovô Gordão?" a criança responde com a construção apositiva, já comentada: "Auau Moquito", reconfirmada mais duas vezes. Há uma longa interrupção da narrativa, surgem, então as perguntas "E o outro?", "Como chama o outro?", primeiro com a resposta "Abigu" e depois "Quimáqui", adaptações que a criança faz de *Big* e *Big Mack*, seguidas das variantes "Biguimá" e "Biguimáqui", com o comentário da mãe para os adultos: "Ele fala inglês, o Paulo". Uma variante do nome do cachorro aparece na pergunta "Como é que o Moquinho faz pra você?" com resposta onomatopaica "Aum!" (novamente um discurso direto) acompanhada do gesto de agarrar o pé com a mão. A uma pergunta sim/não da pesquisadora a criança responde com outra onomatopéia, imitando a mordida do cachorro "Krrau!". Às perguntas "E o Paulo?", "Que que o Paulo faz?", volta a responder com uma onomatopéia "Pá, pá", imitando batida no cão, confirmada com uma pergunta sim/não da mãe: "Pá, pá no Moquinho, né?". A criança fecha a narrativa com o confirmador "É".

As tentativas de eliciar as proto-narrativas *Conta o que a girafa fez* e *Conta o que aconteceu*, redundam infrutíferas, enquanto em *Como é que fala o tio M.?*, a criança atende com adequação os pedidos de informação dos adultos. Respondendo a pergunta que dá título a esta proto-narrativa, a criança usa o discurso direto: "Cacho(rro)" e a "Que mais", com um enunciado de grande complexidade "Ele pega (a) bochecha (do) Paião" com uma FN objeto direto expandida com a construção possessiva.

Na última proto-narrativa da 2ª fase, *Amassou, Chefe*, a criança está muito mal-humorada, pois está mais interessada em ir ao Super-Mercado do que representar falar ao telefone com o seu avô, mas realiza o ritual de pegar o fone e, após as aberturas do pai "Alô, fala", "Conta tudo", "Conta, vai", relata ao avô "(Am)asso(u), Chefe" e conclui o telefonema com "Já foi, Chefe", colocando o telefone no gancho, com a explicação "Põe (a)qui".

A 3ª fase apresenta 27 proto-narrativas, por isto, só comentaremos as que demonstram a maior competência narrativa da criança.

A proto-narrativa 2 desta fase *O pato botou ovo no jardim* inicia com três enunciados insistindo na abertura, proferidos pela pesquisadora, mas a criança se recusa e fala sobre o contexto imediato. Só depois que o pai insiste a criança começa a dar a informação "Não." Após um pedido de esclarecimento, o pai produz um andaime "Não botou ovo." E a criança fornece uma explicação causal: "Não botou ovo po(r)que nós pá". E a seguir "Viu, jogo(u) a casinha." Seguem-se quatro repetições, duas confirmações uma da mãe e outra da criança, uma confirmação na forma de pergunta sim/não por parte da mãe seguida de uma desconfirmação provocativa por parte da mãe: "Mas...mas disseram que ele botou ovo." A criança se mantém firme: "Não." "Botar." Observe-se a reiteração do mesmo evento quando a mãe insiste: "Não botou?". Nesta fase a criança passa a imitar muito mais trechos dos enunciados do adulto. A uma reabertura da narrativa "Conta pra titia como é que foi a estória do ovo." "Como foi?", a criança repete: "Do ovo." Há um pequeno desvio da narrativa, com enunciados referentes ao imediato da criança, com a retomada pela mãe: "Que que o pato fez?", cuja resposta é um pedido de informação "M?" atendido pela mãe: "Como é que o pato fez". A criança responde com uma onomatopéia, em discurso direto: "Quiquiqui" com a reafirmação da mãe: "Quemquemquem que ele fez?" O pai coloca uma pergunta alternativa "E botou o ovo ou não botou?" desta vez respondida com adequação "Botou não." Observe-se a sintaxe vertical em que a criança completa o enunciado do pai: "Não." com "Botou ovo". O pai replica com uma interjeição seguida de um *verbum dicendi* com o respectivo discurso indireto: "Disseram que ele tinha botado ovo." E pela primeira vez no *corpus* da criança aparece um mais-perfeito composto, embora retomado do enunciado do pai, usado com propriedade: "Não tinha bota(do) ovo".

A proto-narrativa *Estou vendo que bateu* é uma narrativa imediata ao evento. Após o barulho da colisão, a criança exclama "Ih!", a pesquisadora repete a exclamação com o comentário "Aconteceu qualquer coisa lá." Enquanto a mãe abre a janela, a criança pede um esclarecimento e a pesquisadora repete o comentário. A criança imita o final "Qua(lqu)e(r) coisa." E utiliza sucessivamente quatro partículas dêiticas. Os adultos trocam entre si vários enunciados demonstrando estupefação pelo acidente. Aparentemente a criança está atenta aos comentários, pois imita uma das perguntas da pesquisadora "Mas como é que foi isso?", com "Como é que foi?", repetido mais três vezes consecutivamente. A mãe recorre o mesmo

enunciado que volta a ser repetido pela criança. A mãe leva, então, a criança à janela, dizendo: "Olha lá na esquina.", "Vê lá." E a criança pergunta "Que que foi isso?". Curiosamente a mãe não responde e devolve com outra pergunta "Que que você está vendo?" Após um "Ahn?" que atua muito mais como pausa de planejamento, a criança, demonstrando uma competência cognitiva e lingüística, domina o *shifting* e responde com um período complexo, com uma oração subordinada substantiva: "Estou vendo que bateu." E interrompe a confirmação da mãe "Está vendo que ba..." com uma especificação "Que quebrou." A mãe pede confirmação: "Quebrou?" "É", confirma a criança. "Pelo amor de Deus!", exclama a mãe, imitada pela criança: "Amo(r) de Deus!" Há uma expressão que a criança usa a seguir de "Você viu?" que aparece noutra narrativa, *O homem de máscara*, denotando máscara de terror, embora não consigamos decifrar completamente: "O seu cachimbo." A mãe reitera: "Você viu?" e a criança pede esclarecimentos: "M?". Há uma série de complementações entre mãe e criança, sendo que, finalmente, no enunciado "Vinha correndo e bateu." a criança demonstra o domínio sobre a sucessão de eventos com nexos causal, uma das condições da estrutura narrativa, enunciado que é repetido três vezes, com variantes. Após a exclamação da mãe, a criança ensaia o numeral: "Bateu um até" e pergunta "Que que foi?", respondido pela mãe com "Uma trombada." A criança pede confirmação: "É?", "Deu uma trombada?", mas imediatamente, sem solicitação oferece mais uma informação "Queb(r) o(u), viu." "Derrubo(u)" A mãe pede confirmação "Derrubou?" e a criança confirma: "Derrubo(u) a ca(sa)". Segue-se um diálogo entre a investigadora e a criança que comprova que ela já faz a oposição fonológica entre /z/ e /r/: "Quebrou a cara?", "Não?" A criança responde "Não." "Que que ele quebrou?" Responde a criança: "A casa." A pesquisadora confirma "Ah! A casa." A criança passa, então, a recapitular o episódio, com os eventos em sucessão de nexos causal: "queb(r)o(u) a kasa." "E veio correndo o carro e bateu.", desta vez, com a conjunção coordenativa explícita. A proto-narrativa finaliza com todos saindo da janela depois que a criança imita o enunciado do adulto "Noi(s) já vimu(s)".

Na proto-narrativa *Viagem para Araguari*, a criança ao mesmo tempo em que já mostra o comando do *shifting*, utiliza o dêitico para referências distantes do aqui/ agora, como no enunciado "Eu fui lá." Esta competência para narrar espaços distantes aparece numa nova versão de *O carro bateu*, no enunciado "O carro bateu lá

longe." Observa-se, ainda, o uso do discurso direto depois de um *verbum dicendi*: "É (ho)m(em) diz b(o)a-ta(r)de". E a especificação dos atributos dos personagens: "Vexo." (Velho.), "Tinha...tinha u(m)bigode e fa(la) b(o)a-ta(r)de."

Os primeiros passos em direção à narrativa ficcional aparecem na proto-narrativa *O homem de máscara*, no seguinte diálogo entre a pesquisadora e a criança, onde também observamos o domínio antononímico dos atributos. P: "E ele era feio?" C.: "Não, ele é bonito." P.: "Ah! Você gostou dele?" C.: "Viu...viu...e...é"... "Viu, ele casou." "Viu, moço." "Viu, mo(ço) casou." Ao ser interpelada, a criança confirma três vezes.

4 Conclusões

Neste trabalho enfatizou-se a importância dos estudos sobre narratividade, particularmente do ponto de vista da psicolinguística, para explicar a ativação dos esquemas da memória episódica e para a pronta recordação das experiências factuais ou fictícias. Demonstrou-se que os esquemas narrativos factuais são os primeiros que se desenvolvem na criança, ajudada pelos adultos, através de andaimes, particularmente aqueles que abrem as narrativas e os que desdobram as interrogativas *Qu*. Nas duas primeiras fases, a criança quase só apresenta fragmentos e confirmações das perguntas sim/não dos adultos. Na 3ª fase, além de ocorrer um número muito maior de proto-narrativas (27), ela já apresenta uma estrutura mais elaborada, com sucessão de eventos ligados por nexos causais, alusão a espaços distantes e personagens descritos com seus atributos. Há um prenúncio de narrativa ficcional em uma das proto-narrativas.

Referências bibliográficas

BLOOM, L. *One word at a time*. The Hague, Mouton, 1975.

CAZDEN, C. B. Adult assistance to language development: scaffolds, models, and direct instruction. In: PARKER, R. P.; DAVIS, F. A. (orgs.). *Developing literacy, young children's use of language*. Delaware, IRA: Newark, 1983, p. 3-18.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JESPERSEN, O. *Language, its nature, development and origin*. London: Georges Allen and Unwin, 1922.

MICHAELS, S.; COOK-GUMPERZ, J. *A study of sharing time with first grade students: discourse narratives in the classroom*. Berkeley, Linguistic Society, 1979.

NINIO, A.; BRUNER, J. The achievement and antecedents of labeling. *Journal of Child Language*, 5, 1978.

PERRONI-SIMÕES, M. C. Ensaio de narrativas do "Jogo de contar" às proto-narrativas. *Sobre o Discurso*, Uberaba, IL, FISTA, 6, p. 72-162, 1979.

SNOW, C. E. The development of conversation between mothers and babies. *Journal of Child Language*, 4, 1977.

SCLIAR-CABRAL, L.; SECCO, G. Filler sounds: What do they really fill? Poster apresentado ao VIIIth International Congress for the Study of Child Language, San Sebastián-Donostia, Espanha, 12-16 jul. 1999, IASCL. (submetido para publicação)

STOEL-GAMON, C.; SCLIAR-CABRAL, L. Emergence of the reportative function in child speech. In: NICKEL, G. (org.). *Proceedings of the fourth International Congress of Applied Linguistics*, Stuttgart, Hochschulverlag, p. 389-398, 1976.